

## A EUROPA ESTÁ A ENCOLHER?

Pág. 2



**Luís Mário Lopes  
vence Prémio  
Luso Brasileiro de  
Dramaturgia**

Pág. 3

**Diplomacia  
cultural  
debatida  
em Paris**

Pág. 2

**'Português para  
Negócios' atrai  
profissionais  
da área**

Pág. 4

**Suécia**  
**10 anos a editar  
autores de  
língua  
portuguesa**

Pág. 4

**Ler Saramago:  
investigadora  
italiana  
premiada**

Pág. 4

# A Europa está a encolher?

Série de conferências em Bruxelas organizadas pelo núcleo da EUNIC debate a crise europeia

■ Dificilmente haverá projeto de maior atualidade do que a série em curso de conferências intitulada *Getting Smaller*, promovida pelo núcleo da EUNIC (Rede dos Institutos Nacionais de Cultura da União Europeia) de Bruxelas, com a participação do Instituto Camões (IC), na pessoa da conselheira cultural da Embaixada de Portugal na capital belga, Margarida Gouveia Fernandes.

De alguma maneira a iniciativa, que surgiu de uma conversa há cerca de dois anos entre Margarida Gouveia Fernandes e Berthold Franke, diretor do Goethe Institut em Bruxelas e para a região da Europa do Sudoeste e ainda responsável pelos contactos da sua instituição com a União Europeia, teve alguma coisa de premonitório, por se debruçar sobre questões e problemas que a crise europeia pôs a nu, mas que naquela altura ainda não eram reconhecidas no consenso público.

Da conversa entre Margarida Gouveia Fernandes e Berthold Franke nasceu então um projeto que foi apresentado à EUNIC-Bruxelas

e obteve a adesão de vários outros institutos culturais, nomeadamente da Roménia, Áustria, França, Espanha, Polónia e Bélgica.

*Getting Smaller: perspectives on a Shrinking Europe* (qualquer coisa que numa tradução livre e literal quer dizer 'Ficando mais pequeno: perspetivas sobre uma Europa que encolhe') é a designação de um projeto que inclui numa 1ª fase uma série de quatro conferências, em que intervêm sempre dois institutos associados na EUNIC-Bruxelas.

Após as conferências com os temas 'Está a Europa a ficar mais pequena?', 'Centro e Periferia' (outubro) e 'Multiculturalismo em tempo de crise' (novembro), que atraíram um público «interessado nesta problemática», seguir-se-á a 20 de janeiro de 2012, a conferência 'Memória Coletiva', pelo antigo comissário europeu português António Vitorino e pelo professor alemão Ulrich Menzel, da Universidade Técnica de Braunschweig, no Estado da Baixa Saxónia.

## AS VANTAGENS DO 'RETRAIMENTO'

«Começamos a falar sobre uma certa cegueira, em não querer ver – agora já se vê, mas há dois anos ainda havia uma certa resistência» – a questão da crise europeia, refere Margarida Gouveia Fernandes, que em representação do IC tem assento no Grupo Estratégico da EUNIC global. «Não se deve pensar que a perda de força política e de

influência da Europa começou há dois anos», explica a conselheira cultural portuguesa, que, antes de Bruxelas, esteve em posto em Bona, Berlim e Moscovo. Este 'retraimento' – outra palavra possível para o *shrinking* inglês – da Europa não é físico, sublinha. «Não quer dizer que a Europa se torne mais pequena, porque até tem havido alargamento, mas em termos relativos, em relação a outras potências emergentes, está a perder influência política, económica, etc.»

Há depois ainda uma outra dimensão do *getting smaller*, o da perda recente em termos históricos (a partir da I Grande Guerra) dos impérios europeus – tenham sido eles continentais, como no caso da Alemanha ou da Áustria, ou ultramarinos, como no caso português, espanhol e francês. Esta perda nem sempre terá sido negativa para os países europeus, dá a entender Margarida Gouveia, quando, conhecedora da Alemanha, onde viveu a queda do muro de Berlim, cita o caso deste país, que «tem de facto tratado o passado de uma forma sistemática», em resultado da sua derrota na II Guerra Mundial. Os alemães, refere, dizem que nunca viveram tão bem e nunca tiveram tão poucos inimigos naquilo que designam como «cultura da derrota».

Esta percepção dos efeitos positivos do 'retraimento' europeu levou mesmo a que, numa primeira versão, o subtítulo das conferências fosse «vantagens of a shrinking

Europe» ('vantagens de uma Europa que encolhe'), depois substituída por uma mais neutral «perspectives». É que o objetivo das conferências é de alguma forma pragmático: «encarar» a perda de influência da Europa, como lidar com ela preservando o futuro e «analisar as melhores formas de manter os princípios que nos orientam e como preservar também alguma forma de harmonia social, face a esta nova situação», ou seja, «tirar as lições históricas» ao mesmo tempo que se faz uma análise política rigorosa da situação.

Há consciência, no entanto, da gravidade da crise europeia por parte dos promotores das conferências quando, questionados sobre as tensões que parecem acumular-se na Europa e as diferenças com que a própria crise está a atingir os países, Margarida Gouveia Fernandes diz que «se implodir o euro, e se continuar a não haver uma política comum, mais tarde o mais cedo todos estarão mal, uns mais do que outros, evidentemente...».

## GRANDE CONFERÊNCIA NO OUTONO

A conselheira cultural é da opinião que «a História não se repete, mas há por vezes, processos semelhantes – populações em crise, populações em pânico», «medos irracionais», nacionalismos e xenofobia em ascensão, o aparecimento dos populismos e dos populistas e a possível rápida passagem do «inimigo interno» ao «inimigo externo». Cita Rimbaud – *Je est un autre* [eu é um outro], para dizer que «a partir do momento em que se abstrai o outro, o outro passa a ser uma abstração e pode ser eliminado». E esta alienação recíproca torna mais fácil todas as formas de conflito.

Por isso, a preocupação é andar para a frente e, porque é também objetivo dos organizadores do *Getting Smaller* obter o «olhar do exterior», está já marcada para o outono de 2012 uma «grande conferência», que constituirá a 2ª parte do projeto *Getting Smaller*. Organizada pela EUNIC-Bruxelas, com o apoio financeiro da Bertelsmann Stiftung (fundação alemã) e do Goethe Institut, vai envolver representantes não só dos países europeus como dos outros continentes, sobretudo dos BRIC [Brasil, Rússia, Índia e China] e personalidades de fora da Europa. Queremos ouvir «pessoas que se tenham debruçado conceptualmente sobre todas estas questões».

O programa desta conferência prevê a abordagem de uma série de tópicos agrupados em dois grandes conjuntos. O primeiro conjunto – *Como nos tornámos mais pequenos... / como perdemos influência...* – debate, nomeadamente, o papel da Europa na perspetiva dos BRIC, a perda dos impérios e a sua influência nas mundividades europeias e a convergência e divergência das experiências nacionais; o segundo conjunto, que foca o significado e consequências da perda de influência da Europa, gira em torno da política externa e de segurança da UE, da política económica/monetária e do multilinguismo.

O que as conferências pretendem é colocar «um espelho à nossa frente», diz. Trata-se de «encarar a situação real, não termos medo de ir ao fundo dos nossos medos, dos nossos fantasmas». Os problemas não se resolvem por si, sustenta. «Esta situação só se resolve, como tudo na vida, quando a gente a resolve. Se não a vida resolve por nós e, geralmente, mal».

# Diplomacia cultural debatida em Paris

■ Os desafios mundiais impõem uma visão mais ampla para a diplomacia cultural da Europa do que aquela que Joseph Nye definiu para esse tipo de ação – o de ser uma 'diplomacia de influência' (*soft power*).

Esta posição foi expressa pela Presidente do Instituto Camões (IC), Ana Paula Laborinho, no Collège de France, em Paris, no colóquio internacional *Diplomacia Cultural – um ativo da França num mundo em transformação*, promovido a 12 e 13 de dezembro pelo Instituto Francês e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e Europeus de França.

Ana Paula Laborinho, na qualidade de Presidente da EUNIC (Rede dos Institutos Nacionais de Cultura da União Europeia), proferiu um dos discursos de

abertura do painel 'A Diplomacia Cultural e as Mutações do Mundo', que incidiu sobre questões relativas à diplomacia cultural na Europa.

A Presidente do IC defendeu que a mutação acelerada das sociedades e dos centros de poder a nível mundial impõem um novo entendimento da diplomacia cultural, aberta a outros modos de pensamento e a outras competências. Nesse sentido, a diplomacia cultural tem-se aberto às trocas económicas, se se pensar, por exemplo, nas indústrias culturais e criativas, mas também os programas que lançam temas mundiais (ambiente, desenvolvimento, conflitos) estão hoje em dia no seu perimetro.

Numa outra linha, a Presidente do IC e da EUNIC

advogou uma visão que aposta numa diplomacia cultural de cooperação institucional baseada no mutualismo, ou seja nas trocas, e que encoraja as parcerias entre organizações da sociedade civil e as redes sociais consideradas como parceiros da diplomacia pública.

«É evidente também a mutação na geografia (geopolítica) desta diplomacia cultural interessada nas grandes mutações societárias», adiantou ainda Ana Paula Laborinho, que traçou na sua intervenção o papel da EUNIC, criada em janeiro de 2006, antes mesmo do serviço europeu de ação externa (EEAS).

A EUNIC, disse, é o resultado de uma política de cooperação cultural entre os Estados membros da UE, que compreenderam que



Collège de France

eram muito mais do que a soma das partes.

A geografia da rede, acrescentou, está em vias de se alargar da Europa, onde começou, para todas as regiões (da China, Vietname, a Moçambique, Namíbia, Zimbábue, Canadá, Brasil e Peru). «A nossa força é o resultado de um trabalho

de cooperação entre os Estados membros e também com os nossos parceiros locais», explicou.

No painel introdutório em que participou a Presidente do IC, tiveram também a palavra Bruno Racine, Diretor da Biblioteca Nacional francesa, e a linguista e psicanalista Júlia Kristeva, professora jubilada da Universidade Paris-Diderot.

O painel desenvolveu-se em duas mesas redondas onde foram abordados os seguintes subtemas: A diplomacia cultural nas diplomacias de influência e a geopolítica das diplomacias culturais.

Outros grandes temas tratados por uma pléiade de especialistas foram 'Cultura e Economia: O Papel das Indústrias Culturais', 'Políticas Culturais, Luta Contra a Pobreza e a Teia das Civilizações', 'Tradução e Multilinguismo', 'Diplomacia Cultural e Apoio à Criação', 'Ideias, Saberes e Diplomacia Cultural', 'Digital: Novos Espaços de Divulgação, Novos Espaços de Debate'.

## Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia para Luís Mário Lopes

Luís Mário Lopes, com a peça *Vizinhança*, foi o vencedor da 5ª edição do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia *António José da Silva*, promovido em Portugal e no Brasil por uma parceria entre

o Instituto Camões e a Fundação Nacional de Artes (Funarte).

A peça original de Luís Mário Lopes, dramaturgo de 45 anos que ganhou em 2010 o Prémio do Teatro Aberto com a obra *A*

*Casa dos Anjos*, encontrava-se no lote de sete textos dramáticos (3 de Portugal e 4 do Brasil) apurados na 1ª fase do concurso para serem apreciados pelo júri luso-brasileiro, reunido por videoconferência a 15 de dezembro e que tomou a decisão «por consenso», segundo a ata.

O Prémio, a que podiam concorrer portugueses e brasileiros, com um ou mais textos originais, em língua portuguesa, não editados e não encenados, consiste numa verba de 15 mil euros e na edição do texto em Portugal e no Brasil.

O júri foi constituído do lado português por Eugénia Vasques,

Luísa Costa Gomes e José Luís Ferreira e do lado brasileiro por Carlos Augusto Nazareth, Maria Helena Khüner e Marcos Ribas. Em Portugal, 24 textos concorreram ao Prémio, tendo sido apurados para a fase final *Frente Fria*, *A Morte do Seguranga* e *Vizinhança*. No Brasil, os quatro textos selecionados de entre 187 para a fase final foram *Videoteipe*, *Oásis*, *A Morada do Dragão* e *Tem Alguém que nos Odeia*.

Além de incentivar o surgimento de novos autores, o Prémio tem como objetivo impulsionar a escrita dramática em todos os géneros e reforçar as parcerias de

desenvolvimento e cooperação cultural entre Portugal e o Brasil. Luís Mário Lopes, professor do ensino superior, dramaturgo e argumentista, sucedeu ao brasileiro Marco Catalão, vencedor com *Agro Negócio* em 2010, ano em que foi atribuída uma menção honrosa ao texto *Checoslováquia*, do português Tiago Patrício.

O Prémio, criado em 2006, foi ganho na sua 1ª edição pela peça *A Minha Mulher*, de José Maria Vieira Mendes. Em 2008, foi vencido pelo brasileiro Fábio Mendes, com *The Cachorro Manco Show*, e em 2009 pelo português Abel Neves, com *Jardim Suspenso*.

## O que o teatro tem de bom

O tema vem ao de cima em vários passos da conversa. Como é que um ficcionista, um dramaturgo, faz para que as suas criações não fiquem apenas para si e sejam representadas? Luís Mário Lopes, vencedor da edição de 2011 do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia *António José da Silva*, responde: «não sei».

Conta apenas o que tem feito. Em 2009, concorreu e ganhou o *Grande Prémio de Teatro Português* da Sociedade Portuguesa de Autores/Teatro Aberto, com *A Casa dos Anjos*. Mais importante do que o prémio, diz, «foi ter podido ver a minha peça em palco». Foi com esse objetivo que concorreu em 2011 com *Vizinhança* ao Prémio de Dramaturgia do Instituto Camões e da Funarte. «Do que me tem sido dado perceber, é complicado fazer acontecer um espetáculo a partir de um texto teatral que se tenha. O caminho mais simples que tenho tentado é o concurso».

Já tentou a abordagem direta, enviando a diversas companhias teatrais a sua peça inédita *O Colapso da Função de Estado* – a designação de um fenómeno da mecânica quântica –, que nos questiona sobre a responsabilidade de quem observa. Sem qualquer resposta, mesmo depois de *A Casa dos Anjos*, que recebeu o prémio do melhor texto representado em 2010, ter estado em cena.

Isso talvez explique por que razão o seu nome está associado ao cinema, como argumentista, em diversas curtas-metragens, incluindo uma produzida por João Mário Grilo, que vai sair este ano, e na longa-metragem *Do outro lado do mundo* (em pós-produção). *Vizinhança* começou aliás por ser uma ideia para cinema, «precisamente por ser aquilo que me parecia ter as portas abertas». Depois, sabendo do Prémio formatou-a para teatro. «Eu acho que quando se tem qualquer coisa



Luís Mário Lopes

para dizer, isso pode ser dito em muitos formatos».

### «FALTA DE JEITO»

Mas onde se situa então Luís Mário Lopes? Para ele, «uma peça de teatro, um argumento de cinema, um romance podem ser objetos igualmente valiosos em termos artísticos. O que há de diferente

entre uns e outros é a maneira como o criador comunica com o recetor, leitor num caso, espetador nos outros», e ainda na forma como «aquilo que se cria chega mais ou menos adulterado ao recetor». Deste ponto de vista, «nada é mais intocável do que o objeto literário, no sentido de um livro, um romance, um conto ou uma peça de teatro lida».

Mas «o que o teatro tem de bom», declara, «é que de uma maneira fácil, rápida e apetecível dá-nos a ler a um público alargado», com um número de leitores que um livro, seja romance, peça de teatro, conto, etc., não tem.

É verdade que no teatro, a obra chega ao espetador «através de uma outra leitura». E no cinema ainda mais. «Em termos de eficácia comunicativa não há nada como aquele trabalho a sós entre o criador e leitor», reconhece. Mas para ele, enquanto criador, «é apetecível e gratificante que a outros criadores lhes apeteça pegar» naquilo que escreveu «para o tornar também deles». Com vantagem para o teatro em relação ao cinema, porque o «objeto literário» existe nele para além da apropriação que é feita na produção do espetáculo. Devido às suas formulações específicas,

raramente o argumento de cinema é publicado ou lido, observa. Do lado do cinema (e da televisão) está a vantagem de um universo muito maior de recetores. «Com uma peça de teatro consegue-se ter alguns milhares de espetadores. Com um filme consegue-se pôr mais um zero ou dois...». Mas há um preço: o elevado número de intermediários do processo leva a que nem sempre os interesses servidos («shares e essas coisas todas») sejam os criativos, considera.

### «MATERIAL COMBUSTÍVEL»

Preocupando-o a relação com os recetores da sua criação, seria de esperar que já tivesse um romance ou um conto 'na gaveta'. Até porque, «quando se tem alguma coisa para dizer, pode dizer-se através de um romance, uma peça de teatro, um argumento, uma canção, um poema. O que é preciso, ao abalancarmo-nos a fazer isso, é saber que estamos a lidar com esse formato». Mas Luís Mário Lopes diz que esse conto ou romance não existe «ainda». Não por opção, mas pela conjunção dessa «falta de jeito», desse «não saber como fazer» para que as coisas aconteçam, com as suas ocupações enquanto professor de Matemática

a preparar um doutoramento em sistemas dinâmicos. «Ainda hoje não sei como é que se faz para que uma peça seja levada à cena, como é que se faz para que um romance seja publicado», garante.

Este «não saber como fazer» para, no entanto, quando se chega à produção do texto teatral. Luís Mário Lopes tem ideias claras a esse respeito, como clara e eficaz é a sua escrita teatral. Em primeiro lugar, defende, é preciso as personagens «existirem», «porque se elas não existirem para nós, evidentemente não vão existir para mais ninguém». Depois, o teatro, como a poesia é a ciência com as suas equações, exige síntese, diferentemente do romance, que pede «fôlego» e «respiração». É um trabalho para ele «muito gratificante e gostoso» – dizer o essencial com o menor número de cenas e personagens, «de maneira que aquilo arda, seja material combustível».

Embora considere que «o repertório de cada ser humano é relativamente limitado» – «se formos lúcidos, coisas que valha a pena dizer, cada pessoa tem meia dúzia...» – Luís Mário Lopes admite que ainda tem algumas coisas para dizer. O seu repertório ainda não terminou. Ficamos à espera.

## Vizinhança – ‘radiografia’ da mudança

Vivemos tempos de mudança e é precisamente de mudança que trata *Vizinhança*, a peça escrita por Luís Mário Lopes, vencedora da edição de 2011 do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva.

Ao escrever a peça, a Luís Mário Lopes interessou «fazer uma radiografia da mudança», «falar do que é que se passa quando uma mudança se dá ou está prestes a dar-se e, portanto, como é que essa mudança acontece. Onde é que vem aquilo que vai ser o futuro, o que é e onde é que já estava no passado aquilo que vai ser criado e como é o trajeto para que esse futuro se instale e afirme, que fragilidades tem, de que poderes se socorre, que benefícios traz, que vítimas cria».

Uma mudança que se torna, por vezes, numa quase ‘traição’ e que dramaturgicamente se configura no texto de Luís Mário Lopes na clássica existência literária de duplos, que são uma coisa e o seu contrário em conflito. Porque se é verdade que «todos os dias, ou lentamente, vamos mudando, às vezes, aquilo que somos passados uns anos ou uns dias é quase irreconhecível perante aquilo que fomos», explica o dramaturgo. Ora, é sobre o processo de instalação desse duplo (ou múltiplo, que prefere o autor – «mais do que duplos, somos múltiplos», diz) que gira a peça de Luís Mário Lopes.

Esse processo de mudança não surge do nada. Resulta da interação que existe entre a «personagem em branco»

– ou melhor o «layer [a camada] – como agora se diz nos programas de desenho – em branco» – que existe em nós e a sociedade, que condiciona essa mudança. «Esse processo de interação com os outros é mais eficaz se nós nos apresentarmos diferentes», diz. É por essa «brecha» ou «fenda» que se cria em nós que um outro pode surgir e, «inevitavelmente, esse outro é uma esponja do que nós fomos, mas também do que a sociedade e outros querem que nós sejamos». Ou seja, esse outro está mais adaptado («adequado», na designação do autor) ao ambiente, numa espécie de darwinismo social, dramaturgicamente representado pela competição entre os duplos.

Decorrendo em Portugal num tempo não indicado, há de facto na peça qualquer coisa de especificamente português – no que se diz, como se diz e na caracterização das personagens. E

não falta à trama dramática o ‘ar dos tempos’ vividos no país, inclusivamente quando um dos contenciosos versados pela peça é um nebuloso Projeto de Vigilância Global. Luís Mário Lopes reconhece que «há uma realidade que ainda não é a realidade (...) mas que está no ar» e que coloca «questões muito interessantes, complicadas e de difícil resolução».

Talvez devido à sua formação de base – Luís Mário Lopes é formado em Física e é professor no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL) –, o dramaturgo, na sua ‘radiografia’ da mudança, foca também o impacto dos avanços tecnológicos, que se processam «a um ritmo enorme, aceleradíssimo». Afirma que «há a tentação de se fugir ou de se escamotear essas questões», dizendo que «não vai haver problemas». Mas «claro que vai haver problemas».

## Ler Saramago: investigadora italiana premiada

■ Marta Donadel, aluna de mestrado em Literatura Portuguesa na Universidade Cà Foscarini de Veneza, foi a vencedora do Concurso *Ler Saramago*, com o trabalho de investigação *Memorial do Convento de José Saramago: uma narração imagética. O sensorialismo barroco e a confluência dos sentidos*. A autora do trabalho premiado foi atribuída uma bolsa de investigação.

O concurso *Ler Saramago* foi promovido pelo Instituto Camões, no âmbito de uma homenagem ao escritor português, Prémio Nobel da Literatura, José Saramago, e foi dirigido à rede externa de leitorados e cátedras de língua e cultura portuguesa, tendo como objetivo promover leituras que evidenciem a singularidade universal da obra do escritor.

Os textos a concurso tinham de ser inéditos, de carácter ensaístico, abordando a obra do escritor na perspectiva interartes. Numa primeira fase, os trabalhos foram selecionados pelo responsável de cada leitorado ou de cada cátedra. Posteriormente, para encontrar o vencedor, reuniu-se um júri constituído pela Presidente da Fundação Saramago, Pilar del Río, e por dois elementos do Instituto Camões.

## Colóquio debateu língua portuguesa nas diásporas

■ A situação da língua portuguesa nas diásporas e as intervenções desenvolvidas sobre a questão no mundo pelos países da Comunidade



Instituto Internacional de Língua Portuguesa

dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) foram os temas do colóquio internacional promovido a 28-30 de novembro na cidade da Praia, Cabo Verde, pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP).

A iniciativa reuniu cerca de duas dezenas de académicos e investigadores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal (através do Instituto Camões), São Tomé e

Príncipe e Timor-Leste, bem como representantes de diferentes diásporas de língua portuguesa.

Da reunião saiu a 'Carta da Praia' sobre o português nas comunidades emigradas, que servirá de documento preparatório da 2ª conferência sobre o futuro do português, que terá lugar em Lisboa, este ano. Esta conferência vai gizar um plano de ação de Lisboa 2012-2014, a ser ratificado pelos chefes de Estado da CPLP.

## Índio Bolha vence Prémio Matilde Rosa Araújo 2011

■ O conto *Índio Bolha*, da brasileira Ivone Marques Umbelino Teixeira, de São Paulo, ganhou o Prémio Matilde Rosa Araújo do Conto Infantil de 2011, promovido pela Câmara Municipal da Trofa com o apoio do Instituto Camões (IC).

Tal como no ano passado, os centros culturais portugueses e as suas extensões nos países de língua portuguesa receberam trabalhos concorrentes, depois encaminhados para um júri de pré-seleção do município da Trofa.

O concurso deste ano contou com um total de 148 trabalhos oriundos do Brasil, Timor-Leste, São Tomé, Cabo Verde e Angola.

O concurso atribuiu ainda dois prémios Lusofonia, para o conto *A Iguana Joana*, de Elisabete de Jesus Garcia Fevereiro Costa, de Luanda, e *O menino dos dedos tristes*, de Josélia Maria dos Santos José Neves, de Leiria. *A admirável história de Rafael pintor*, de António Manuel Dinis Moura, do Luxemburgo, foi contemplada com uma menção honrosa. O Prémio para a Melhor Ilustração Original foi entregue a Maria Cristina Vilarinho Martins, de Guimarães, pelo conto *A Gata das Socas*.

Em 2010, *Amílcar, Concertador de Búzios Calados*, do tenor Mário Alves, foi o texto vencedor do Prémio Matilde Rosa Araújo, o primeiro que foi tornado extensivo aos países de língua portuguesa, através da parceria com o IC.

## 'Português para Negócios' atrai profissionais da área

■ Seis alunos estão a frequentar, entre outubro e janeiro, o primeiro curso de 'Português para Negócios', ministrado no Centro Virtual Camões, a plataforma de ensino a distância do Instituto Camões (IC), e dirigido a falantes de outras línguas, com um domínio de nível intermédio da língua portuguesa.

Há muitos cursos de inglês e espanhol para negócios, mas não existiam até agora muitos recursos para trabalhar a língua portuguesa para esse fim específico, diz Mónica Braz Pereira, tutora do curso e antiga leitora do IC nos Estados Unidos.

A necessidade do curso decorre do crescimento da procura ditada pelo desenvolvimento económico do Brasil e dos países africanos de língua portuguesa. Públicos e empresas veem vantagens em melhorar as suas competências em português para poderem alargar os seus mercados e clientelas de língua portuguesa.

Prova disso está no perfil dos alunos que agora frequentam este primeiro curso, oriundos da Alemanha, Japão, Itália, Argentina, Inglaterra e França. Possuindo, todos eles, licenciaturas ou mestrados, e sendo na sua maioria do sexo

feminino, «trabalham sobretudo na área financeira (setor bancário), em grandes empresas internacionais de novas tecnologias (telecomunicações e aparelhos eletrónicos), tradução e contabilidade internacional», indica Mónica Braz Pereira.

Num curso para fins específicos, trabalha-se «terminologia e tipos de textos inerentes a uma determinada matéria ou temática», indica a tutora. «Neste caso, o curso trabalha léxico específico da área dos negócios, por exemplo planos de negócios em português, financiamento de empresas, gestão de recursos humanos e liderança, entre outros».

O curso, adianta Mónica Braz Pereira, introduz os alunos a «tipos de texto necessários para operar neste campo, como por exemplo correios eletrónicos relativos à procura ativa de emprego, recrutamento de pessoal, transações comerciais diversas, apresentação de produtos, relatórios de trabalho e sustentabilidade das empresas, convocatórias, circulares...».

Através destas temáticas, «trabalha-se igualmente a relação entre as práticas administrativas e

o contexto cultural», recorrendo a alguns materiais autênticos da imprensa em língua portuguesa e à exploração de recursos eletrónicos integralmente em língua portuguesa.

No final do curso, em que uma avaliação formativa é feita com base nos trabalhos realizados, na participação em chats com a tutora e na exposição de dúvidas oportunas, os alunos recebem um certificado do IC.

«Um dos fatores de avaliação é o completamento de um glossário com todos os termos explorados ao longo do curso que se relacionem diretamente com a área dos negócios», refere a tutora, para quem, «*grosso modo*, o nível académico dos alunos permite um trabalho fluido e eficaz», apesar de o nível de proficiência do domínio da língua portuguesa não ser uniforme (o nível intermédio exige que o aluno seja capaz de produzir «um discurso coerente sobre questões familiares ou de interesse pessoal») e de serem muito distintas as raízes das línguas maternas dos alunos.

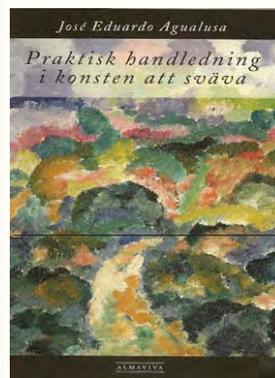
Fazendo um balanço positivo dessa diversidade linguística e cultural e do curso na sua globalidade, Mónica Braz Pereira aponta o facto de se estar a criar «um glossário do curso em conjunto, que espero que tenha uma grande expressão», como «um dos pontos mais positivos, pois as tarefas de grupo são bastante motivadoras para todos, sobretudo neste tipo de cursos».

## Suécia 10 anos de edição de autores de língua portuguesa

■ A editora sueca Almqvist, de Marianne Sandels, assinalou em 2011 os dez anos de existência, com a publicação de mais uma obra de José Eduardo Agualusa – *Manual Prático de Levitação*, um livro de contos publicado em 2005, com o apoio do Instituto Camões e do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Dedicada quase exclusivamente à tradução e à divulgação de autores de língua portuguesa, esta pequena editora nasceu da paixão de Marianne Sandels pela língua e cultura dos países de expressão portuguesa. Após um encontro em Estocolmo com Vasco Graça Moura e Almeida Faria, através do Pen Club, e confrontada com a dificuldade em publicar, Sandels decidiu fundar a sua própria editora para publicar um único livro deste último escritor. perante o sucesso e o prazer de traduzir, prosseguiu esta árdua tarefa, dando a conhecer ao público sueco tanto os autores que conhecia, como também Eugénio de Andrade, José Eduardo Agualusa e José Craveirinha, entre outros.

Pelo trabalho desenvolvido ao longo da sua carreira, esta filóloga



seria distinguida com a Ordem do Infante D. Henrique (1984, Oficial; 2004, Comendador) pelo governo português, e com dois prémios de tradução (1992, Academia Sueca; 2001, Fundação De Nio), e veria dois dos seus livros premiados com uma menção honrosa da "Svensk Bokkonst" (Associação Sueca da Arte do Livro) pelas belíssimas capas

de John Eyre, designer gráfico com quem trabalha.

A par da publicação na Almqvist e em diversas revistas literárias, Marianne Sandels tem mantido nos últimos anos uma colaboração estreita com a Embaixada de Portugal e o Instituto Camões em Estocolmo, através da realização de seminários com autores portugueses na Feira do Livro de Gotemburgo.

Não obstante a qualidade e o sucesso das suas publicações nesta última década, Marianne Sandels continua a entusiasmar-se com os pedidos de compra que lhe chegam via internet e promete continuar: prepara atualmente uma antologia poética com textos de Ana Luísa Amaral, de Vasco Graça Moura e de Amaro Júdice a sair este ano. Esperemos que mais obras se sigam! CATARINA STICHINI



**Instituto Camões**  
Rua Rodrigues Sampaio, 113  
1150-279 Lisboa  
TEL. 351-213 109 100  
FAX. 351-213 143 987  
www.instituto-camoes.pt  
jlenarte@instituto-camoes.pt  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Mário Filipe  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato